

---

**EDU 2525/2526** Antropologia e Educação

CARGA HORÁRIA TOTAL: 45 horas

CRÉDITOS: 3

Profa. Dra. Mylene Mizrahi

2ª feira: 13:00 hs. às 16:00 hs.

---

### **Antropologia, Etnografia e Estética**

Nesta edição de *Antropologia e Educação* empreenderemos uma discussão sobre a pesquisa em moldes antropológicos. Colocaremos em foco a etnografia, o trabalho de campo e a ética da/na pesquisa em antropologia. Essa ética, como problematizada nos anos 1980 pela “virada reflexiva”, nos coloca face às nossas responsabilidades para com nossos sujeitos de pesquisa, em campo e fora dele. Envolve a reflexão sobre o que lhes devemos e/ou devolveremos, sobre autoria e autoridade do saber produzido e a empatia. Empatia hoje tão acionada e reiterada no debate público, mas da qual é também possível desconfiar. Pois se a abertura dos cadernos de campo de Malinowski suscitou a Geertz perguntar sobre o que fazer quando não somos aceitos por nossos “nativos”, hoje trata-se mais propriamente de buscar respostas para uma pergunta reversa: como pesquisar entre sujeitos cujas ideias e valores rechaçamos?

Este curso é assim movido pela tarefa de pesquisar, em moldes antropológicos. O que significa não tanto discutir metodologia e mais elaborar sobre os meios para conversar com nossos interlocutores em campo. É essa ética antropológica, mais do que um “método etnográfico de pesquisa”, que nos interessará. A ética, portanto, não tanto da pesquisa antropológica mas da antropologia enquanto disciplina acadêmica. Aquela mesma que nos coloca a serviço do outro, tornando imperativo entendê-lo em seus termos, gostemos ou não do que eles falam, fazem ou produzem. Trata-se de assumir de maneira englobante o “filistinismo antropológico” reivindicado por Gell no estudo das artes alter. Assim, se a antropologia pode ser definida como sendo um anti-método, nossos guias são de fato nossos interlocutores em campo. Nos termos de Latour, devemos “seguir os atores”, humanos e/ou mais que humanos.

Em nossa discussão, seguir a estética e a dimensão sensível da vida fornecerá caminho para assumirmos essa ética de abertura absoluta ao nosso outro, como primeiro proposto por Mauss e que Taussig formulou como sendo uma transposição corpórea para alteridade. Nesses termos colocamos as bases para a aproximação com a Antropologia, seus modos de análise, pesquisa e pensamento. O que nos leva de volta para a Educação,

se a entendemos como um modo de colocar a atenção nas coisas, como proposto recentemente por Ingold. A estética aponta assim para caminhos para a produção da etnografia; para encontrar modos outros de contar mundos que precisam ser repensados, ter seus entendimentos e compreensões desestabilizados.

O cronograma do curso, a bibliografia que lhe corresponde, bem com a avaliação serão divulgados em sala de aula

#### BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA:

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*.

GONÇALVES, J. R. dos S. (Org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

DAMATTA, Roberto. 1978. "O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues". In NUNES, E. O. (org.). *Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar. pp: 23-35.

FAVRET, SAADA. Jeanne. "Ser afetado". *Cadernos de campo*, 13: 155-161, 2005.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GELL, Alfred. *Arte e agência: uma teoria antropológica*. São Paulo: Ubu, 2018.

INGOLD, Tim. *Antropologia e/como Educação*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2020.

LAGROU, Els. *A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

LATOUR, Bruno. *Reagredendo o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LEACH, Edmund. *Sistemas políticos da Alta Birmânia: um estudo da estrutura social kachin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

MACKENZIE, Maureen A. *Androgynous objects: string bags and gender in Central New Guinea*. Harwood Academic Publishers, 1991.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Coleção Os Pensadores.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MILLER, Daniel e SLATER, Don. "Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

MIZRAHI, Mylene. *A estética funk carioca: criação e conectividade em Mr. Catra*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

MIZRAHI, Mylene. *Figurino funk: roupa, corpo e dança em um baile carioca*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

PEIRANO, Mariza. "Etnografia não é método". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

TAUSSIG, Michael. *Mimesis and alterity: a particular history of the senses*. Routledge, 1993.

THOMAS, Nicholas. *Entangled objects: exchange, material culture and colonialism in the Pacific*. Harvard University Press, 1991.

TOREN, Christina. "Mente, materialidade e história". In: BANNELL, R., MIZRAHI, M. e FERREIRA, G. *Deseducando a educação: mente, materialidade, metáfora*. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020.

VELHO, Gilberto. 1999. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Editor. pp. 123-132.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "O nativo relativo". *Mana*, 8(1): 113-148, 2002.